

AS DIVISÕES DA CORAGEM ARISTOTÉLICA

AUTOR: JEAN FERREIRA PERES; ORIENTADOR: JOÃO FRANCISCO NASCIMENTO HOBUSS

Universidade Federal de Pelotas – jeanferreiraperes@gmail.com
Universidade Federal de Pelotas – joão.hobuss@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

Aristóteles não se limita a descrever o que é a coragem, mas investiga os processos e a estrutura subjacentes à sua definição, consistentemente define a coragem como um estado intermediário (meio-termo) em relação aos sentimentos de covardia e temeridade. Esta concepção está alinhada com sua visão mais ampla de que a excelência (virtude) é uma disposição que se manifesta na escolha do meio-termo, conforme determinado pela reta razão (*phronesis*). Assim, a coragem é primeiramente uma excelência ou uma mediania, e a principal questão reside em como diferenciá-la de outras virtudes morais.

A discussão sobre a coragem, especialmente na *Ética a Nicômaco* (EN III 6-9) e na *Ética a Eudemo* (EE III 1), concentra-se em refinar a qualidade e quantidade de medo e os objetos de medo que caracterizam um ato ou caráter corajoso. Aristóteles subdivide os objetos de medo, inicialmente distinguindo o que deve ser temido (coisas ruins) do que não deve, e subsequentemente focando na morte como o maior dos males, especialmente quando enfrentada nas circunstâncias mais nobres. Crucialmente, a coragem é manifestada em escolhas feitas com vistas ao que é nobre, o que a diferencia de outras ações semelhantes que não possuem essa motivação.

2. METODOLOGIA

O estudo propõe um conjunto de perguntas que guiam a análise:

- (I) Como Aristóteles constrói a definição de coragem em sua filosofia moral e política, e se ele segue o procedimento de coleta e divisão herdado de Platão e por ele revisado e defendido em suas discussões teóricas sobre definição?
- (II) A definição de coragem proposta por Aristóteles possui a estrutura que ele próprio recomenda em suas obras teóricas?
- (III) Por que Aristóteles inclui, em suas discussões sobre a coragem, uma seção estendida sobre como distinguir estados morais que se assemelham à coragem, ou que poderiam ser chamados de coragem por algumas pessoas, da coragem propriamente dita?
- (IV) A forma como Aristóteles procede indica que ele vê a tarefa de definir a coragem como um esclarecimento do uso do conceito e do termo, ou ele está tentando produzir um ideal normativo?

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para bem compreender a coragem, como as demais excelências, impõe-se investigar não apenas sua descrição, mas os processos e a estrutura subjacentes à sua definição. Reconhecemos, de fato, que toda arte e toda investigação, assim como

toda ação e toda escolha, têm em mira um bem qualquer, e que o bem é aquilo a que todas as coisas tendem. Dentre as excelências, a coragem ocupa um lugar peculiar.

A *phronesis* (prudência/reta razão) e as virtudes morais (como a coragem) como "hexis" (disposições) devem ser concebidas como distintas, pois pertencem a faculdades diferentes da alma: a razão e o desejo, respectivamente. A virtude moral, como a coragem, é uma disposição para desejar o que é bom. Contudo, um desejo é considerado "racional" ou "para o bem" não porque a razão o produza diretamente (Aristóteles nega que a razão por si só produza desejos, (EN III 4 1113a22-b2), mas porque seu objeto é determinado como bom pela *phronesis*. Essa distinção estabelece uma necessidade mútua crucial: o desejo correto é fundamental para a *phronesis*, pois é ele que estabelece o objeto da deliberação e a *phronesis* é indispensável para o desejo correto, pois sem ela não se distingue o desejo genuíno pelo bem. Essa interdependência sublinha como a coragem, ao ser motivada para o nobre, integra um desejo reto guiado pela reta razão, aprofundando a compreensão do seu caráter intrinsecamente virtuoso. (*Deslauriers, How To Distinguish Aristotle's Virtues*, página 106).

Aristóteles consistentemente apresenta a coragem como um estado intermediário (meio-termo). Na *Ética a Nicômaco* (EN III 6, 1115a6-7), a coragem é primeiramente definida como: "um meio-termo em relação aos sentimentos de medo e temeridade". Posteriormente, essa definição é elaborada (EN III 7, 1116a10-12) para incluir a relação da coragem: "o que o bravo é com relação às coisas terríveis, o temerário deseja parecer; portanto, imita-o nas situações em que lhe é possível fazê-lo" nas circunstâncias específicas, e enfatiza que a escolha e a firmeza do agente corajoso são motivadas por fazer o que é nobre ou evitar o que é vergonhoso. Essa elaboração transforma a mediania de uma relação entre paixões para uma relação entre tipos de objetos que inspiram essas paixões. Contudo, o gênero da coragem permanece firmemente estabelecido como uma excelência ou mediania, o que não é controverso, pois Aristóteles já havia definido a excelência moral como um meio-termo no Livro II da *Ética a Nicômaco*.

A discussão sobre a coragem, especialmente em nossa *Ética a Nicômaco* (EN III 6-9) e *Ética a Eudemo* (EE III 1), concentra-se em refinar a qualidade e quantidade de medo, bem como os objetos de medo que caracterizam um ato ou caráter corajoso. Subdividimos os objetos de medo, inicialmente distinguindo o que deve ser temido do que não deve, para, então, focar na morte como o maior dos males, especialmente quando enfrentada nas circunstâncias mais nobres. Crucialmente, a coragem é manifestada em escolhas feitas com vistas ao que é nobre. De fato, o fim de toda atividade é a conformidade com a correspondente disposição de caráter, e a coragem, sendo nobre, tem o nobre como seu fim. Isso a diferencia de outras ações semelhantes que não possuem essa motivação.

Ao contrário da distinção numérica entre a *phronesis* (virtude intelectual) e as virtudes morais (disposições de faculdades diferentes da alma), Aristóteles aborda as virtudes morais individuais (como a coragem) como uma única *hexis* numericamente, embora elas sejam "diferentes em ser" ou "na prática". Essa distinção é análoga à forma como ele vê a *phronesis* e a arte política (*politikê*) a mesma *hexis* numericamente, mas distintas "em ser" devido às suas aplicações ou qualidades específicas. (*Deslauriers, How To Distinguish Aristotle's Virtues*, página 116).

A principal forma de Aristóteles diferenciar a coragem de outras excelências reside na especificação de suas "diferenças" relativas aos objetos do medo e às emoções de

medo/temeridade associadas. Seguindo um método de divisão, Aristóteles refina o domínio dos objetos do medo em três etapas sucessivas na *Ética a Nicômaco* (EN III 6):

- **Primeira Divisão:** Distingue entre o que deve ser temido (coisas ruins, como desgraça ou pobreza, que não decorrem da maldade ou da própria agência) do que não deve ser temido. O corajoso não teme o que não deve ser temido, como a pobreza, pois não são "coisas que não são devidas à maldade, ou à própria agência".
- **Segunda Divisão:** Foca na morte como o maior dos males, argumentando que a morte é um "fim" que elimina a possibilidade de ação e escolha futuras. Isso diferencia a morte de males menores que permitem a continuidade da agência, e a coragem é relevante apenas para coisas terríveis que "eliminam a possibilidade de bem ou mal futuro".
- **Terceira Divisão:** Subdivide a morte nas circunstâncias mais nobres, especificamente em batalha, justificando-o pelo reconhecimento e honra que tais mortes recebem nas cidades. Essa é uma referência à prática contemporânea na polis, que recompensa a coragem manifestada ao enfrentar a morte em circunstâncias nobres.

Todas as excelências morais envolvem a escolha do nobre e são guiadas pela razão (*phronesis*) portanto, o nobre é parte do gênero mais amplo da excelência moral, e não um elemento que diferencia a coragem de outras virtudes: "Mas não é isso que ele faz. Em vez disso, afirmo, Aristóteles se afasta da discussão das diferenças que distinguem a coragem e volta a se concentrar no gênero e no conteúdo da excelência moral em geral como um meio." (*Courage: Definition and distinctions*, Deslauriers, página 260). É necessário distinguir a verdadeira coragem de outros estados morais que apenas se assemelham a ela, ou que poderiam ser chamados de coragem por algumas pessoas. Isto porque o homem bravo age e suporta conforme lhe aponta a coragem, que é definida pelo seu fim nobre. Essa distinção é vital para o nosso entendimento. Assemelham-se à coragem genuína, mas dela se diferem por sua motivação ou circunstância, como bem se observa:

- **Coragem cívica:** Motivada pela vergonha ou pela lei, ou pelo medo da desgraça.
- **Coragem por experiência:** Característica de militares experientes, baseada no conhecimento de táticas e perigos.
- **Coragem por *thumos* (ânimo ou paixão irracional):** Como raiva ou amor.
- **Coragem por otimismo ou autoconfiança:** Manifestada por pessoas otimistas ou embriagadas.
- **Coragem por ignorância ou inexperiência:** Quando se age sem pleno conhecimento do perigo.

Enfatiza-se que Aristóteles é claro ao afirmar que nenhuma dessas formas é coragem no sentido estrito, embora possam ser úteis em situações de perigo. A razão fundamental para essa distinção é que esses estados não visam o bem ou não são motivados por um desejo do bem em si, ou seja, não compartilham o mesmo objetivo nobre que caracteriza a verdadeira coragem. Essa prática de distinção visa demarcar a excelência moral em si de condições que a assemelham superficialmente, como o vício ou a incontinência: "Ele parece relativamente despreocupado em estabelecer as diferenças que distinguem a coragem de outras excelências morais, e muito mais

preocupado, como vimos, em distinguir a excelência moral de outras condições que possam se assemelhar à excelência na medida em que se assemelham à coragem. Ou seja, a questão principal em sua mente é se uma dada condição moral é uma excelência, e não se é coragem em particular.” (Courage: Definition and distinctions, Deslauriers, página 266).

Por fim, a discussão sobre a coragem também introduz subespécies de coragem, como a distinção entre a coragem daqueles que governam e daqueles que são governados. Aristóteles sugere que a coragem do governante poderia ter uma diferenciação como "em posição de comando", enquanto a do governado teria "em posição de obediência". A função das definições na filosofia prática, portanto, difere daquelas em seus tratados teóricos; elas servem para guiar a ação, educar e validar normas sociais, mais do que para servir como primeiros princípios em silogismos demonstrativos.

4. CONCLUSÕES

Através de Marguerite Deslauriers nota-se a construção da definição de coragem, Aristóteles adota uma abordagem que se afasta de suas próprias recomendações teóricas para a formulação de definições. Em vez de empregar um processo de "coleção" para estabelecer o gênero da coragem, ele parte de um gênero já predeterminado estabelecido em suas obras éticas anteriores. A preocupação primordial de Aristóteles parece ser discernir se uma condição moral é de fato uma excelência em geral, e não tanto em distinguirmeticulosamente a coragem de outras excelências específicas. Ele dedica considerável atenção a diferenciar a excelência moral de condições que apenas se assemelham à coragem, enfatizando que essas não compartilham o mesmo objetivo nobre da excelência genuína.

Essa distinção procedural sublinha uma diferença fundamental na função das definições na filosofia prática aristotélica. Ao contrário das definições nas ciências teóricas, que servem como premissas ou primeiros princípios em silogismos demonstrativos, as definições de conceitos práticos como a coragem têm um propósito distinto. Elas são empregadas para orientar a ação, educar os jovens, validar normas sociais e atribuir elogios ou censuras de forma apropriada. O foco de Aristóteles em conciliar as definições com a opinião recebida e com as práticas sociais, como exemplificado pela distinção entre a coragem de governantes e governados, ressalta que essas definições buscam mais do que uma articulação puramente estrutural dos objetos práticos, elas visam satisfazer e fundamentar julgamentos morais e políticos na vida da pôlis.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARISTÓTELES. Eudemian Ethics. Tradução: C.D.C. Reeve. Hackett Publishing Company, Inc. 2021. Book III, páginas 36 - 50

ARISTÓTELES. Ética a Nicômaco. Tradução: Leonal Vallandro e Gerd Bornheim da versão inglesa de W. D. Ross, 1984.

DESLAURIERS, Margarida. Courage: Definition and Distinctions. Cairb.info: Éditions Ousia. 2020/2. Tomo XXXVIII, páginas 247 – 267.

DESLAURIERS, Margarida How To Distinguish Aristotle's Virtues. Koninklijke Brill NV, Leiden, 2002.